



**“Brasil Inabitável”:
Um Estudo de Caso sobre Desinformação no Jornalismo¹**

Karen de Oliveira Lira²

Maria do Socorro Furtado Veloso³

José de Paiva Rebouças⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO

Este estudo enfatiza a importância do rigor jornalístico na cobertura de temas científicos, especialmente diante das emergências climáticas, a partir do modo como veículos de mídia brasileiros comunicaram os achados da pesquisa de Raymond et al. (2020), que alerta para os riscos do calor úmido extremo no mundo. Recorrendo à análise de conteúdo (Bardin, 2011) e ao conceito de desordem informacional (Wardle & Derakhshan, 2017), identificamos distorções sistemáticas, uso indevido de autoridade científica e termos alarmistas, caracterizando ocorrência de desinformação. O episódio revela falhas de apuração e uso sensacionalista da ciência, com mais de 180 textos jornalísticos replicando equívocos após essas publicações.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Comunicação científica; Emergência climática; Desinformação; Desinformação científica

INTRODUÇÃO

Em um cenário de mudanças climáticas cada vez mais intensas, o jornalismo desempenha papel essencial na mediação entre ciência e sociedade. No entanto, essa função é frequentemente tensionada pela lógica do mercado digital, marcada pela busca por cliques e visibilidade, o que favorece distorções na comunicação científica. Temas como o aquecimento global, dada sua complexidade e urgência, tornam-se especialmente vulneráveis à desinformação, que costuma se manifestar em dois extremos: o negacionismo, que minimiza as evidências, e o alarmismo, que as exagera. Ambos comprometem a confiança pública na ciência e dificultam ações coletivas (Fagundes et al., 2021).

O artigo intitulado “The emergence of heat and humidity too severe for human tolerance” (Raymond et al., 2020), publicado na revista *Science Advances*, introduz o conceito de temperatura de bulbo úmido (TW). Quando TW atinge ou supera 35°C, o corpo

¹ Trabalho apresentado ao GT Desinformação, Educação Midiática e Plataformas Digitais, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante do 9º semestre de Jornalismo da UFRN.

³ Jornalista, doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP) e professora do curso de Jornalismo da UFRN.

⁴ Jornalista, mestre em Educação (UERN) e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Demografia da UFRN.



humano perde sua capacidade de autorresfriamento, tornando a exposição prolongada potencialmente inviável. O estudo documenta eventos críticos já registrados em regiões como o Golfo Pérsico e o Sul da Ásia e projeta que, com um acréscimo inferior a 2,5°C na temperatura global, esses episódios poderão se tornar mais frequentes e severos (Raymond et al., 2020).

Em 2022, uma matéria divulgada no portal da Nasa, a agência especial americana, traz entrevista com Colin Raymond. Diante da pergunta sobre regiões que poderiam atingir $TW \geq 35^{\circ}C$, o cientista mencionou que o Brasil está entre os locais que podem alcançar esse limite até 2070, mas sem afirmar certeza. O termo “inabitável” não aparece na referida publicação (NASA, 2022).

Embora o Brasil tenha sido citado apenas na matéria da Nasa, sem menção no artigo científico, veículos jornalísticos brasileiros reproduziram a notícia em 2024, em vez de recorrer ao estudo original. Nessas matérias, afirmaram que o Brasil poderia se tornar inabitável até 2070, atribuindo erroneamente essa previsão ao artigo científico. Essas distorções decorreram da omissão de dados metodológicos, do uso impreciso de fontes e da associação indevida do estudo à agência americana, comprometendo a fidelidade jornalística e favorecendo a disseminação de desinformação (Fagundes et al., 2021).

Este trabalho analisa como essas matérias jornalísticas brasileiras comunicaram os achados de Raymond et al. (2020). O referencial teórico-metodológico inclui o conceito de desordem informacional de Wardle e Derakhshan (2017) e a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011). A pesquisa avalia a fidelidade à fonte científica, identifica possíveis distorções e classifica os conteúdos segundo as categorias de *Mis-information*, *Dis-information* ou *Mal-information*, observando sua estrutura, intencionalidade e efeitos comunicativos. Busca-se, com isso, contribuir para o debate sobre rigor e responsabilidade dos jornalistas na cobertura de temas científicos de alta relevância social.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A crise informacional contemporânea impõe desafios significativos à comunicação da ciência em sociedades marcadas pela aceleração tecnológica, pela multiplicação das fontes e pela erosão da confiança pública. Wardle e Derakhshan (2017) propõem um modelo conceitual amplamente adotado para classificar os tipos de distorção informacional em três categorias: *Mis-Information* (informação incorreta disseminada sem intenção de causar dano), *Dis-Information* (informação falsa criada deliberadamente para enganar ou prejudicar) e



Mal-Information (informação verdadeira utilizada fora de contexto com intenção de causar dano). O elemento-chave para distinguir essas categorias é a intencionalidade, que permite compreender os efeitos potenciais de cada tipo de conteúdo na esfera pública.

No campo do jornalismo científico, esse fenômeno assume contornos ainda mais delicados. A busca por visibilidade, cliques e engajamento digital muitas vezes entra em conflito com a complexidade do discurso científico, que exige precisão conceitual e contextualização metodológica. Como observa Fagundes et al., (2021), o jornalismo científico deve funcionar como ponte entre a produção acadêmica e o público, mediando o saber especializado de forma ética e compreensível. No entanto, quando o compromisso com a exatidão é substituído por estratégias de impacto, abre-se espaço para a desinformação, ainda que não intencional, como demonstrado em episódios recorrentes de cobertura alarmista sobre mudanças climáticas. Tais práticas comprometem não apenas a qualidade da informação, mas a própria credibilidade da ciência diante da sociedade.

METODOLOGIA

A presente pesquisa configura-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza documental (Zanella, 2013). O *corpus* analisado é composto por matérias jornalísticas brasileiras, veiculadas em seis veículos: Meteored (14 de abril de 2024), Gizmodo Brasil (15 de abril de 2024), Escola Educação (20 de abril de 2024), O Globo (21 de julho de 2024), Metrôpoles (22 de julho de 2024) e Folha Vitória (22 de julho de 2024). Também analisamos a notícia publicada no portal da Nasa em 9 de março de 2022, para efeito de comparação das informações sobre a descoberta científica em questão.

Para garantir uma avaliação sistemática e objetiva das matérias, nossa análise foi estruturada em três eixos interligados: 1) verificação da fidelidade das matérias ao estudo original de Raymond et al. (2020); 2) identificação de exageros, omissões ou distorções; e 3) classificação das matérias segundo o quadro de desordem informacional de Wardle e Derakhshan (2017).

Para operacionalizar essa investigação de forma metodologicamente rigorosa, definimos cinco categorias de análise, conforme Bardin (2011): fidelidade à fonte científica, construção da autoridade, alarme e catastrofismo, didatização científica e foco geográfico-temporal. A avaliação das matérias seguiu uma escala qualitativa ordinal adaptada, composta por descritores ajustados ao contexto da análise jornalística. Para indicar



a intensidade da presença de cada característica nos textos, utilizamos os termos “alta”, “moderada”, “fraca” e “nula”, garantindo interpretações consistentes e comparáveis.

Adicionalmente, foram empregados descritores mais específicos, como “parcial”, para indicar conteúdos que misturam acertos e exageros; “boa”, quando há fidelidade conceitual ao estudo científico; “inexistente”, em casos de completa omissão da fonte; “elevado” e “muito elevado”, para caracterizar níveis distintos de dramatização excessiva; e “razoável”, quando a matéria se aproxima da precisão, mas ainda recorre a generalizações.

Adicionalmente, indicamos quais veículos citam, ou não, o termo “inabitável”. Nas conclusões, analisamos o grau de repercussão a partir de busca avançada do Google.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Começamos nossa análise observando a matéria publicada no site oficial da Nasa, sob o título: “Quente demais para lidar: como as mudanças climáticas podem tornar alguns lugares quentes demais para se viver”. A comunicação é tecnicamente precisa, com explicação clara sobre a temperatura de bulbo úmido (TW) e o limite fisiológico de 35 °C. Embora o título sugira risco à habitabilidade, o termo “inabitável” não aparece no corpo do texto, e o Brasil é citado apenas como uma possibilidade futura, com ressalvas. A matéria é fiel ao artigo original e não configura desordem informacional.

A matéria do Meteored, por sua vez, afirma que Brasil, China e EUA podem se tornar inabitáveis até 2050, distorcendo o conteúdo de Raymond et al. (2020). O termo “inabitável” é usado sem base, o Brasil é citado indevidamente e não há menção aos autores ou ao conceito de TW. O Gizmodo repete o termo “inabitável” no título e texto, afirmando que regiões do Brasil se tornarão inabitáveis em 50 anos. O texto mistura dados do estudo com outras fontes, sem distinguir metodologias. Há catastrofismo, generalização e ausência de referência aos autores.

O portal Escola Educação publicou que “6 regiões do mundo, Brasil entre elas, estarão inabitáveis até 2050”. O termo é usado repetidamente, mas não consta no artigo científico. O Brasil também não é citado no estudo. A matéria não apresenta os autores, a revista científica ou os parâmetros técnicos e exagera o papel da Nasa.

O Globo publicou que o Brasil é um dos cinco lugares que podem se tornar inabitáveis em 50 anos. A palavra “inabitável” aparece no título e corpo do texto, mas não está no artigo original. Apesar de citar Colin Raymond e o conceito de TW, a matéria generaliza projeções, omite incertezas e reforça um tom sensacionalista.

O Metrôpoles afirmou que o “Brasil pode ficar inabitável em 50 anos”, atribuindo o dado à Nasa, sem citar autores, revista ou conceito técnico. O termo “inabitável” é repetido com variações alarmistas e dados extrapolados. A matéria mistura efeitos não abordados no artigo original e apresenta ausência de rigor e explicação científica.

O R7 publicou que o Brasil pode se tornar inabitável até 2070, atribuindo essa informação a um “estudo da Nasa” e sem citar o artigo original. O texto apresenta uma explicação superficial de TW e omite os autores e a revista científica.

Com exceção da matéria da agência americana, usada como referência por ser a fonte primária dos veículos brasileiros, todas as demais publicações foram classificadas como *Mis-Information*, segundo Wardle e Derakhshan (2017). Essa classificação se deve a exageros e imprecisões, especialmente na atribuição indevida de projeções ao Brasil e no uso do termo “inabitável”, ausente no estudo original.

Não encontramos, contudo, evidências de manipulação deliberada (*Dis-Information*) nem de utilização estratégica de verdades para causar dano (*Mal-Information*). As distorções observadas decorrem, sobretudo, de simplificações, omissões e estratégias editoriais sensacionalistas, que comprometem a precisão da informação disseminada.

Tabela 1 - Quadro comparativo da cobertura jornalística sobre o artigo de Raymond et al. (2020) com base em categorias de análise de conteúdo e desordem informacional

Veículo	Fidelidade à fonte	Autoridade	Alarmismo	Didatização	Uso de “inabitável”
Nasa	Alta	Moderada	Controlado	Boa	Não
Meteored	Fraca	Alta	Muito elevado	Nula	Sim
Gizmodo	Fraca	Alta	Muito elevado	Moderada	Sim
Escola E.	Fraca	Alta	Muito elevado	Nula	Sim
O Globo	Parcial	Alta	Elevado	Moderada	Sim
Metrôpoles	Fraca	Alta	Muito elevado	Nula	Sim
R7	Fraca	Alta	Elevado	Fraca	Sim

Fonte: elaboração dos autores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise revelou que a maior parte das matérias distorceu o estudo de Raymond et al. (2020), usando termos alarmistas como “Brasil inabitável” — expressão ausente tanto no artigo quanto na publicação da Nasa. Utilizando pesquisa avançada do Google, verificou-se que a matéria publicada por *O Globo* foi seguida por 19 outros veículos no mesmo dia e mais 135 no dia seguinte, somando ao menos 183 publicações desde a primeira ocorrência em abril



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Fortaleza/CE - 26 a 28/06/2025

(Meteored). Muitas dessas matérias repetem as distorções e referenciam o próprio *O Globo* como fonte, ampliando o ciclo de *Mis-Information*. Esse fenômeno reforça a urgência de práticas jornalísticas responsáveis na mediação entre ciência e sociedade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

BERGEN, Tristan. Segundo a NASA, algumas regiões do mundo serão inabitáveis até 2050. Quais são elas?. **Meteored**, 14 abr. 2024. Atualidade. Disponível em: <tinyurl.com/3ch6t96t>. Acesso em: 29 abr. 2025.

FAGUNDES, Vanessa Oliveira et al. Jovens e sua percepção sobre fake news na ciência. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 16, n. 1, p. e20200027, 2021. Disponível em: <tinyurl.com/3ck8my3n>. Acesso em: 2 maio 2025.

GIOVANA, Bárbara. Calor extremo pode tornar regiões brasileiras inabitáveis em 50 anos. Gizmodo, 15 abr, 2024. Disponível em: <tinyurl.com/3m8wh8nj> Acesso em 2 de mai. 2025.

ESTRELA, Giovanna. Nasa: Brasil pode ficar inabitável em 50 anos por aquecimento global.

Metrópoles, 22 jul. 2024. Brasil. Disponível em: <tinyurl.com/49ztu2yw>. Acesso em: 29 abr. 2025

NASA. Too hot to handle: How climate change may make some places too hot to live. NASA Science Editorial Team, 6 de mar. 2022. Disponível em: <tinyurl.com/2r4x3fb9> Acesso em 2 de mai. 2025.

O GLOBO. Estudo da Nasa aponta Brasil como um dos cinco lugares do planeta que pode ficar ‘inabitável’ em 50 anos. O Globo, 21 jul. 2024. Mundo. Disponível em: <tinyurl.com/bdh8rb2t>. Acesso em: 29 abr. 2025

PENHA, Gabriela. 6 regiões do mundo, Brasil entre elas, estarão inabitáveis até 2050, alerta a NASA. Escola Educação, 20 de abr. 2024. Disponível em: <tinyurl.com/2wtpzuad> Acesso em 2 de mai. 2025.

RAYMOND, C.; MATTHEWS, T.; HORTON, R. M. The emergence of heat and humidity too severe for human tolerance. Science advances, v. 6, n. 19, 2020.

SOARES, Rafaela. Estudo da Nasa mostra que Brasil pode se tornar inabitável em 50 anos; entenda. R7, 22 jul. 24. Cidades. Disponível em: <inyurl.com/4tbecvmc>. Acesso em: 29 abr. 2025

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg: Council of Europe, 2017. 107 p. Disponível em: <tinyurl.com/5epz8ytv>. Acesso em: 23 fev. 2025

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. Florianópolis: UFSC, 2013.